

EXPERIÊNCIAS DE VITIMIZAÇÃO E A VULNERABILIDADE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES FRENTE À VIOLÊNCIA FAMILIAR

EXPERIENCES OF VICTIMIZATION AND THE VULNERABILITY OF CHILDREN AND ADOLESCENTS TO FAMILY VIOLENCE

Recebido em: 23/06/2020

Aceito em: 00/00/00

Marianne Lira de Oliveira - ORCID: 0000-0001-5335-1806¹
Cássio Eduardo Soares Miranda - ORCID: 0000-0002-8990-1205²

Resumo: O presente artigo intenciona identificar a percepção dos adolescentes diante da experiência de vitimização frente à violência familiar. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 24 alunos do 6º ano do ensino fundamental de escolas públicas, posteriormente transcritas no programa Microsoft Word 2010 e analisadas por meio da análise do discurso na vertente francesa de Pêcheux. A idade média foi de 11,4 anos e 16 crianças (66,7%) não citaram agressão familiar e 08 (33,3%) relataram ter experienciado ou presenciado alguma forma de violência familiar, todos estes da zona urbana, sendo 05 do sexo feminino (62,5%). Entre os relatos daqueles que testemunharam violência familiar, os sentimentos de medo, desconforto e tristeza foram os mais prevalentes. Esses resultados reforçam as estatísticas de notificações que revelam a maior frequência de exposição feminina e também enfatizam que a violência urbana foi a única relatada, mesmo entrevistando escolares rurais.

Palavras-chave: Violência; Adolescente; Família.

Abstract: The objective was to identify the perception of adolescents in face of the experience of victimization in the face of family violence. Semi - structured interviews were conducted with 24 students from the 6th grade of elementary school in public schools, later transcribed using the Microsoft Word 2010 program and analyzed Pecheux of through French discourse analysis. The mean age was 11.4 years and 16 children (66.7%) did not cite familiar act of aggression and 08 (33.3%) reported having experienced or witnessed some form of family violence, all of the urban area, these 05 were female (62.5%). Among the reports of those who witnessed family violence, feelings of fear, discomfort and sadness were the most prevalent. These results reinforce the statistics of notifications that reveal the greater frequency of female exposure and also emphasize that urban violence was the only one reported even interviewing rural schoolchildren.

Keywords: Violence; Adolescent; Family.

INTRODUÇÃO

A violência na infância e na adolescência é um fenômeno histórico mundial, complexo, multifatorial e com difícil definição vivencial, além de ser considerado um grave problema social e de saúde pública, devido aos efeitos deletérios que produz na vida das vítimas, sendo agravados pela vulnerabilidade própria da faixa etária e incapacidade de desenvolver autoproteção contra possíveis ameaças (COELHO; FRANZIN, 2014). As agressões podem ser físicas, sexuais ou psicológicas e afetam as mais diversas camadas sociais, ocorrendo em diferentes espaços, dentre eles o ambiente familiar que deveria prover segurança e proteção dos

¹ Mestra em Saúde e Comunidade (UFPI); E-mail: marianne-lira.15@hotmail.com

² Doutor em Psicologia (UFRJ); E-mail: cassioedu@ufpi.edu.br

direitos do indivíduo. Assim, alguns aspectos que podem influenciar a gravidade dos efeitos dos atos violentos é a frequência, duração, intensidade e vínculo com o agressor (REIS; PRATA; PARRA, 2018).

A família é tida como a fonte primária de transmissão de virtudes e valores entre as gerações, constituição de identidade e referencial de comportamento social, por isto a violência familiar caracterizada pelas agressões que ocorrem no ambiente familiar independente das relações de consanguinidade produz alterações na interação social, seja pela violência que vitimiza crianças e adolescentes ou pelas agressões interparentais presenciadas (COSTA; COSTA; MOSMANN; FALCKE, 2018). Neste cenário, estudos comprovam a correlação entre a violência vivenciada na adolescência e a criminalidade na vida adulta como materialização do ciclo vítima - agressor e perpetuação das agressões sofridas (SARAIVA; PEREIRA; CRUZ, 2019).

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê que nenhuma criança ou adolescente deve ser objeto de qualquer forma de negligência, exploração, violência, crueldade, discriminação e opressão, ou mesmo punido na forma da lei por ação ou omissão aos seus direitos fundamentais (LIMA, 2019). Contudo, a identificação dos casos de violência familiar é dificultada por inúmeros fatores, dentre eles os culturais relativos à aceitação de castigos corporais ou psicológicos diante da prerrogativa de um processo corretivo ou educativo, mesmo com a promulgação da lei da palmada que proíbe agressões físicas contra crianças e adolescentes. Somado a isto está o mito da sagrada família que caracteriza os pais como seres incapazes de praticar qualquer tipo de violência, situação esta que permite a culpabilização da criança e do adolescente (VIEIRA, 2018).

Neste sentido, o mapeamento dos casos de violência familiar contra crianças e adolescentes é imprescindível para o desenvolvimento de estratégias de proteção e enfrentamento, mas para isto é necessário o reconhecimento dos fatores envolvidos nas situações de violência vivenciada ou presenciada (COSTA; VIEIRA, 2018). Baseado nisto, o presente estudo foi desenvolvido com o objetivo de identificar a percepção de crianças e adolescentes diante da experiência de vitimização frente à violência familiar.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal com abordagem qualitativa, realizado por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas e posteriormente transcritas utilizando o programa Microsoft Word 2010. As pesquisas seguiram o princípio da saturação e encerraram no momento

em que as informações começaram a se repetir, sem acrescentar esclarecimentos sobre a temática estudada. Participaram desta pesquisa 24 escolares do 6º ano do ensino fundamental da rede pública de ensino da cidade de Chaval-CE, zonas rural e urbana, constituindo uma amostra por conveniência e o momento das entrevistas ocorreu em local reservado visando preservar o sigilo, a confidencialidade (MINAYO, 2017).

Inicialmente foram coletados os dados gerais sobre a quantidade de escolas, alunos e turmas de 6º ano do ensino fundamental das escolas públicas da rede de ensino de Chaval-CE existentes em 2019. Posteriormente foi elaborado o planejamento estratégico para execução da coleta de dados, apresentação do projeto de pesquisa aos diretores e coordenadores das escolas selecionadas e construção da agenda de acordo com a disponibilidade de cada escola a partir do calendário pedagógico.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de janeiro a março de 2019 e foram produzidos diários de campo ao longo da pesquisa para elucidar os aspectos específicos de cada etapa. As informações qualitativas referentes às entrevistas passaram por análise do discurso de acordo com a vertente francesa de Pêcheux (SILVEIRA; GOMES; LIMA; VIEIRA, 2015).

Foram incluídos no estudo apenas os escolares do 6º ano de escolas públicas da rede municipal de ensino de Chaval – CE selecionados por conveniência a partir da sua percepção de violência familiar. Foram excluídos do estudo os escolares que não assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e/ou não apresentaram autorização dos pais e responsáveis por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Este trabalho é resultado da pesquisa para a dissertação “Violência familiar infanto-juvenil e o fracasso escolar” e obedeceu à resolução 466/12 e seguiu todos os preceitos éticos necessários ao desenvolvimento desta pesquisa (BRASIL, 2013), tendo sido aprovado pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Federal do Piauí com o número de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 97365218.6.0000.5214 e sob o parecer 2.948.443.

RESULTADOS

Foram realizadas entrevistas com 24 escolares, em datas e horários acordados com a direção das escolas, professores e as crianças e adolescentes participantes. As entrevistas ocorreram em salas de aula vazias e disponibilizadas pelas escolas, na biblioteca ou ainda na sala da direção quando havia ausência de outros espaços como ocorreu na zona rural, de forma que apenas a entrevistadora e o escolar estivessem presentes neste momento.

Todas as entrevistas foram gravadas, sendo iniciadas com um momento de apresentação na tentativa de estabelecer o vínculo inicial com o escolar, posteriormente foram transcritas utilizando o programa Microsoft Word 2010 e para garantir o anonimato dos escolares, estes receberam nomes fictícios (vide quadro 01). A média de idade foi 11,4 anos, sendo 11 anos a idade que mais se repetiu. Dentre os escolares entrevistados, 16 (66,7%) não citaram ato de agressão ocorrida dentro do domicílio por qualquer familiar e 08 (33,3%) afirmaram ter vivenciado ou presenciado algum tipo de violência familiar, sendo todos da zona urbana, destes 05 eram do sexo feminino (62,5%) e 03 do sexo masculino (37,5%).

A maioria dos participantes relatou morar com ambos os pais ou só com a mãe e na ausência destes, os tios têm exercido o papel de responsáveis pelos escolares. Quanto ao que eles entendiam por saúde, não raro as respostas relacionaram a falta de saúde com doenças, agressões e o óbito deles mesmos ou de algum familiar. Quanto aos tipos de violência presenciada, a física e a psicológica foram as mais citadas pelos escolares de acordo com o quadro 01, tendo como agressor mais frequente o pai e a vítima mais frequentes foi a irmã (o).

Quadro 01: Caracterização dos escolares do 6º ano entrevistados. Chaval, CE, 2019.

Nome fictício	Sexo	Idade (anos)	Zona da escola	Presenciou violência familiar?	Tipo de violência familiar	Vítima da agressão	Autor da agressão
Paulo	Masculino	11	Urbana	Sim	Física	Irmã	Irmã
Denis	Masculino	12	Urbana	Sim	Psicológica	Pais	Pais
Maria	Feminino	11	Urbana	Sim	Física	Mãe/Tio	Irmã/Tio
Ana	Feminino	10	Urbana	Sim	Psicológica	Pai	Tia
Nathan	Masculino	13	Urbana	Sim	Psicológica	Pai	Mãe
Carol	Feminino	12	Urbana	Sim	Psicológica Física	Tio	Todos os familiares do domicílio
Bia	Feminino	13	Urbana	Sim	Física	Irmã padrasto	Irmão e Bia
Amália	Feminino	11	Urbana	Sim	Psicológica	Irmãos	Irmãos
José	Masculino	10	Urbana	Não	-	-	-
Vitor	Masculino	11	Urbana	Não	-	-	-
Levi	Masculino	11	Urbana	Não	-	-	-
Lucas	Masculino	11	Urbana	Não	-	-	-
Alan	Masculino	11	Urbana	Não	-	-	-
Nina	Feminino	12	Urbana	Não	-	-	-
Flávia	Feminino	11	Urbana	Não	-	-	-
Luna	Feminino	12	Urbana	Não	-	-	-
Bruno	Masculino	11	Urbana	Não	-	-	-
Pedro	Masculino	11	Urbana	Não	-	-	-
Marcos	Masculino	11	Rural	Não	-	-	-
Hugo	Masculino	11	Rural	Não	-	-	-
Renan	Masculino	11	Rural	Não	-	-	-
Luiz	Masculino	15	Rural	Não	-	-	-

Lívia	Feminino	11	Rural	Não	-	-	-
Bella	Feminino	10	Rural	Não	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre as experiências de vitimização citadas, a própria casa e a rua em que moram foram os lugares mais frequentes quanto à ocorrência de violência, sendo pontuados exemplos de agressões entre crianças e adolescentes, de adultos contra crianças, interparentais, entre outros parentes adultos e entre vizinhos. Neste sentido foi investigado também o sentimento destas crianças e adolescentes diante do que presenciaram na tentativa de compreender de que forma a violência os afeta e como os mesmos percebem os efeitos desta no outro que em algum momento da vida foi vitimizado.

Assim, ao considerar a complexidade de se definir momentos pontuais de exposição à violência quando o escolar já tem sido submetido a inúmeros episódios de agressões, torna-se possível identificar a validação da multifatorialidade desta em falas como a de Maria que fragmenta vários momentos de agressões ao ser questionada se já presenciou algum tipo de violência na vida, além de dar indícios sobre como a violência familiar pode transformar as vítimas em possíveis agressores:

Eu acho que sim, quando a minha mãe bate na minha irmã ou quando as meninas brigam aqui na escola. Eu acho que sim quando meu tio bateu no meu outro tio. E eu já presenciei meu irmão brigando na rua. (*Pausa*) É sei lá, aterrorizante, porque quando a gente vê/presencia um tipo de violência dá vontade da gente correr, fugir, sair de casa... estas coisas sabe? É muito triste tia. Tipo porque uma pessoa quando mora com a outra e é vítima de violência, quem vê isto pode praticar violência (Maria).

Na minha casa mesmo. É por causa que o meu tio ele bebia, aí quando ele chegava em casa ele acabava bagunçando, aí a vó e a minha tia começava a brigar com ele. Aí ele pegava faca, saía correndo atrás das pessoas que tava dentro de casa, mas ele parou já. Me sentia... É... Espantada, preocupada... (Carol).

Vi na televisão! No jornal, assim, um câmera pegou o homem batendo na mulher. Hum, sensação de ódio assim... Entrevistadora: E na sua casa, você já viu alguma cena de violência? Já, que meu pai já assim, já brigou com a minha mãe assim. Vi, algumas vezes. Assim, me senti triste né? “Fazer” com que eles brigassem... (Denis).

Ao serem perguntados se já haviam presenciado alguma cena de violência na vida, e em que local, alguns participantes afirmaram ter visto atos violentos em casa e evidenciaram ainda, em seus discursos, a heterogeneidade da constituição de famílias e núcleo familiares na atualidade. Deste modo, a violência familiar, que antes era descrita primordialmente entre pais e filhos, conta com outros atores como tios, avós e indivíduos que partilham a mesma casa sem parentesco ou consanguinidade, como nos exemplos mencionados por Bia:

Violência já, com a minha irmã, a pequenininha. Olha, é porque ela ia pra casa da amiga dela todo dia que meu tio, que é meu padrasto, ia deixar ela na casa desta menina pra ele brincar mais ela, uma meninazinha do tamanho dela, pequena também. Ela morava lá na rua “C”. Aí ela ia pra lá todo dia, aí um dia ela levou a Laila um dia pra praça e brigou com ela aí ela deixou a menina sozinha lá, chorando. Aí quando meu tio foi buscar ela, ela tava chorando lá na praça sozinha. E a mãe dela (da outra menina) não falou nada. Eu não gostei do que a mulher fez com ela não né? Porque é maltratar ela né? Ficar maltratando a criança, deixando ela sozinha na praça, porque vai que um adulto leva ela de lá e quando ele fosse buscar ela e ela não tivesse mais lá? A mulher podia até ser presa né? Porque ela não teve cuidado com ela. Se meu tio leva ela pra brincar com a menina, ela tem que ter cuidado com ela né? (Bia).

(E na sua casa, você já presenciou algum tipo de violência?) Já. É porque ó... é porque lá em casa tem uma mulher, ela não bate muito bem da cabeça, é porque ela normal assim como a gente, mas ela fala sozinha, teve um dia que ela bateu até no meu irmão. Ela mora com a gente. Ela é “doidinha” (*Risos*). E dizem que a gente não pode duvida nada de doido né? Ela não é boa do juízo. Ela fica em casa porque ela é irmão do meu tio, padrasto, é que eu chamo ele de tio. Aí ela mora lá mais ela, aí quando minha mãe e ele sai né? Porque minha estuda aqui, de noite, aí uma vez quando meu irmão tava lá né? Ela falou sozinha, aí ele começou a falar alto e ela acabou correndo atrás dele, aí ela bateu nele. Ela bateu muito nele (Bia).

Diante do exposto, é perceptível o efeito da violência para quem presencia independente desta testemunha estar ou não no papel de vítima das agressões, o que denota a relevância de avaliar o sentir em casos de violência, pois é a partir do sentimento demonstrado que se pode identificar a empatia com a vítima, uma possível motivação para que se torne um futuro agressor ou a existência de estratégias de resiliência e autoproteção. Estas últimas são pontos-chave para a elaboração de propostas efetivas de enfrentamento à violência que promove efeitos deletérios quando ocorre em qualquer ambiente, seja este familiar, na escola, na rua em que se mora ou qualquer outro espaço, como pode - se identificar nas falas de Marcos e Amália:

Acho que não... Acho, só as vezes, me chamam de coisas que eu não gosto. Na escola, às vezes. Eu me sinto muito triste por causa que os meus amigos né? Falando isso comigo, assim, que eu tenho convívio com eles na escola, que eu gosto muito deles, falando isso... eu fico muito triste. Quando isso acontece eu começo a chorar, fico pensando que eu não quero ir mais pra escola... Não quero mais ir pra escola. Fico pensando quando, se vai acontecer de novo (*Olhos marejados*) (Marcos).

Me senti assim, me senti assim, vendo aquilo ali pra mim foi ruim. Ele... e a fala que ele falou... A mãe, a minha mãe não deixou ele bater, mas como ele, o homem lá (um homem que morava na mesma rua que a escolar), é violento, a mãe falou assim: “*não faça isso não, não faça isso*”. Só que ele fez. Aí ele falou deste jeito assim: “*Eu só não te mato porque tem gente olhando!*” Ele falou desse jeito, foi ruim nesse dia que eu vi. E teve outra briga também que, tem um homem lá na nossa rua que às vezes eu tenho até medo dele, é um... Ele é muito violento. Só que agora ele é um homem legal, só que quando ele tá bêbado assim... Droga né? Ele não chega perto dele, nem nada, nem falam com ele, eu só falo com ele assim por longe, mas eu tenho medo, muito medo dele (Amália).

(E na sua casa você já viu alguma cena de violência?) (Pausa) Não. Só briga assim, mas por boca, não é mais assim, violência de bater mesmo não. Briga assim é só de irmão mesmo que nós briga muito, só isto mesmo (Amália).

A partir da análise dos trechos acima citados é possível identificar o desconforto, a tristeza e a sensação de medo aos quais os escolares são expostos ao presenciar situações de violência familiar ou de qualquer outra natureza. Estes e outros aspectos subjetivos são melhores apreendidos com a utilização de métodos qualitativos em pesquisa que permitem expressar no discurso o que é pensado e sentido pelos participantes.

DISCUSSÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida com escolares matriculados no 6º ano do ensino fundamental da cidade de Chaval-CE, dada a importância ressaltada pela literatura sobre o papel da escola enquanto espaço de interação social e possível reverberação da violência sofrida em ambiente intra/extra institucional. Neste sentido, outros estudos identificaram os mais diversos tipos de violência que ocorrem de maneira simultânea e entrelaçada numa pesquisa realizada no cotidiano escolar durante a experiência de iniciação à docência (GIORDANI; OLIVEIRA; SILVA, 2018).

No presente estudo foram realizadas entrevistas com crianças e adolescentes que citaram, entre outras repercussões da violência, que a vítima pode ter maior tendência a reproduzir em outros lugares as agressões presenciadas em ambiente familiar. Frente a isto, a violência tem sido motivo de preocupações e inseguranças para a comunidade acadêmica e social devido à proporção que vem tomando no cenário escolar comprovando que a violência familiar é um tema que não pode ser esquecido mesmo com a escassez de capacitações para os professores (LIMA, NASCIMENTO, 2018). Desta forma, se pode citar como possíveis causas para a problemática da violência familiar: as vulnerabilidades sociais, dentre elas a pobreza e uso abusivo e disseminação de álcool e outras drogas que potencializam a pulverização de atos violentos na rotina escolar (PEREIRA; CONCEIÇÃO; BORGES, 2017).

Dentre os escolares que afirmaram ter presenciado algum tipo de violência familiar nesta pesquisa, 62,5% eram do sexo feminino, este percentual concorda com um estudo baseado na Pesquisa Nacional de Saúde do escolar 2015 (PeNSE) que observou aumento na prevalência de agressão física por membro da família de 9,5% em 2009 a 16,2% em 2015 e as prevalências foram maiores nos adolescentes do sexo feminino (10% em 2009 e 17,3% em 2015) (PINTO et al., 2015). Além deste, estudos de Reis, Prata e Parra (2018) e Vieira (2018) relataram a maior

prevalência de agressões contra mulheres identificando como possíveis causas para estes dados estatísticos: os estereótipos de inferioridade da mulher diante do homem; a cultura machista implícita há anos na sociedade e ainda as agressões contra crianças e adolescentes que são negadas por mulheres que já foram vítimas e se omitiram.

A média de idade dos escolares participantes deste estudo foi de 11,4 anos e obteve resultados similares à pesquisa realizada com escolares do 5º e 6º ano do ensino fundamental no qual predominou o sexo feminino (52,3%); idade de 10 anos (51,7%) e que integravam uma família com estrutura nuclear (53,4%). Este segundo estudo revela em seus dados a significância de se realizar pesquisa com este público principalmente quanto à investigação do ciclo vítima - agressor, uma vez que 65,3% da sua amostra afirmou que apanha em casa e 58,7% declarou que a família incentiva o revide, 83,2% assumiram a posição de agressor e 89,5% se declarou vítima (NOBRE et al., 2018). Outra pesquisa realizada por Reis, Prata e Parra (2018) afirmou que crianças submetidas à situação de violência interpaparental apresentam maior tendência à repetição de atos violentos em seus relacionamentos futuros.

Quanto à variabilidade das agressões, no presente estudo os únicos tipos de violência familiar presenciados foram as agressões físicas e psicológicas e em alguns casos estas ocorreram de forma simultânea, tendo como agressor mais frequente o pai. Estes resultados são semelhantes à pesquisa realizada por Hildebrand, Celeri, Morcillo e Zanolli (2019) que identificou uma frequência de 82% das crianças e adolescentes como vítimas de violência psicológica, seguida por abandono (58%), violência sexual (26%) e física (23%), em alguns casos ocorreu mais de um tipo de agressão, sendo os principais agressores os pais.

De acordo com a pesquisa realizada por Honorato (et al, 2018), no baixo Amazonas, a partir das fichas de atendimento por violência contra crianças e adolescentes identificou que o maior número de casos denunciados era relacionado à violência física (32%) (HONORATO et al., 2018). No entanto a literatura publicada nos últimos três anos sobre o tema tem retratado com maior ênfase os casos e os diferentes modos de violência sexual infante - juvenil. Como exemplo de caracterização deste tipo de violência, temos a pesquisa de Santos et al. (2019) que identificou maior frequência de notificações de violência sexual entre estudantes do sexo feminino, matriculados em escolas públicas e cor da pele parda.

Dentre os 24 escolares entrevistados, 08 relataram ter presenciado ou vivenciado agressão familiar, este resultado é significativo diante de uma amostra composta por crianças e adolescentes convidados a falar sobre suas percepções. Neste sentido, estudos como o de Franco, Magalhães e Carneiro (2018) já abordaram a dificuldade de se perceber atos violentos de forma

consciente por ocorrerem de forma sutil, seja para os indivíduos que são vítimas ou para as testemunhas das agressões. As crianças e adolescentes participantes do estudo desenvolvido narraram situações de violência física, sexual, psicológica e patrimonial principalmente no período que antecedeu a separação dos pais.

A sensação de medo e tristeza identificados nesta pesquisa também foram tema de outros estudos que comprovaram que a violência familiar tem diversas repercussões para as crianças e adolescentes submetidos a ambientes violentos e estes sofrem os efeitos negativos dos eventos traumáticos de forma direta ou indireta. Desta forma, os escolares expostos a agressões em ambiente familiar podem tender a reprodução da violência presenciada ou ainda desenvolver o transtorno do estresse pós-traumático que torna estas crianças e adolescentes indivíduos mais introspectivos, ansiosos e tímidos (SOUZA; VIZZOTTO; GOMES, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência familiar é um problema contemporâneo que ainda encontra inúmeros impasses quanto à prevenção e o enfrentamento, porém estudos como esse vêm sendo realizados na perspectiva de identificar fatores de proteção a serem fortalecidos no processo de reversão do aumento dos casos. Desta forma, um aspecto relevante e enfatizado nesta pesquisa é a identificação da percepção das crianças e adolescentes vítimas ou testemunhas de atos violentos perpetrados por algum familiar na tentativa de apreender o que estes escolares compreendem a partir do que presenciaram.

Neste estudo foi identificada a maior percepção de violência familiar por escolares com 11 anos de idade, sexo feminino, matriculados em escolas da zona urbana e que relataram medo ao presenciar algum tipo de ato violento. Estes resultados reforçam as estatísticas de notificações que revelam a maior frequência de exposição do sexo feminino e ainda enfatizam que a violência em zona urbana foi a única relatada mesmo entrevistando também escolares da zona rural.

É esta percepção que pode servir de base para estratégias mais eficazes na assistência às vítimas e na formulação de capacitações para os profissionais que compõem a rede de assistência às crianças e adolescentes. Assim, é possível inferir que apenas os dados quantitativos não são suficientes para mensurar e principalmente, avaliar os efeitos da violência familiar infanto-juvenil, o que denota a relevância da pesquisa qualitativa em temas transversais e sensíveis como este.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **RESOLUÇÃO Nº 466**, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012. Publicada no DOU, seção 1, páginas 59-62. 13 de junho de 2013.

COELHO, F.J; FRANZIN, L.C.S. Violência doméstica infanto-juvenil: importância deste conhecimento pelo profissional da saúde. **Revista Uningá Review**, v. 20, n. 2, p. 104-108, 2014.

COSTA, R.D.B; COSTA, C.B; MOSMANN, C.P; FALCKE, D. Experiências na família de origem que repercutem no clima familiar dos descendentes. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 18, n. 2, p. 408-425, 2018.

COSTA, R.G; VIEIRA, M.S. Violência contra crianças e adolescentes: da fragmentação à integralidade do atendimento. **Missões: Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 4, n. 1, p. 68-82, 2018.

FRANCO, D.A; MAGALHÃES, A.S; CARNEIRO, T.F. Violência Doméstica e Rompimento Conjugal: Repercussões do Litígio na Família. **Pensando Famílias**, v. 22, n. 2, p. 154-171, 2018.

GIORDANI, M.V.G; OLIVEIRA, A.L; SILVA, L.E. Violência e Cotidiano Escolar: percepções a partir da realidade de uma escola pública de Matinhos – PR. **Mult-Scienc Journal**, v. 1, n. 12, p. 31-35, 2018.

HILDEBRAND, N.A; CELERI, E.H.R.V; MORCILLO, A.M; ZANOLLI, M.L. Resiliência e problemas de saúde mental em crianças e adolescentes vítimas de violência. **Revista de Saúde Pública**, p. 53:17, 2018.

HONORATO, L.G.F. et al. Violência na Infância e Adolescência: Perfil notificado na mesorregião do Baixo Amazonas. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 70, n. 2, p. 266-284, 2018.

LIMA, A.B. Dinâmica familiar e esquemas formados em adolescente vítima de violência sexual: um estudo de caso. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 8, n. 1, p. 17-27, 2019.

LIMA, R.B; NASCIMENTO, J.M. Violência das/nas escolas e a ação da polícia militar: Uma perspectiva de segurança pública com cidadania. **South american, journal of basic education, technical and technological**, v. 5, n. 2, p. 275-288, 2018.

MINAYO, M.C.S. **Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias**. Revista pesquisa qualitativa, v. 5, n. 7, p. 01-12, 2017.

NOBRE, C.S. et al. Fatores associados à violência interpessoal entre crianças de escolas públicas de Fortaleza, Ceará, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 23, n. 12, p. 4299-4309, 2018.

PEREIRA, A.B.M; CONCEIÇÃO, M.I.G; BORGES, L.F.F. Reflexões sobre a formação de professores para o enfrentamento da violência intrafamiliar contra crianças. **Tecnia**, v. 2, n. 2, p. 63-83, 2017.

PINTO, I.V. et al. Tendências de situações de violência vivenciadas por adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009, 2012 e 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, 2018.

REIS, D.M; PRATA, L.C.G; PARRA, C.G. **O impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento psíquico infantil**. Psicólogo: o portal dos psicólogos. 2018.

SANTOS, M.J. et al. Prevalência de violência sexual e fatores associados entre estudantes do ensino fundamental – Brasil, 2015. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 535-544, 2019.

SARAIVA, A.B; PEREIRA, B; CRUZ, J.M.Z. Violência juvenil, *bullying* e insucesso escolar: memórias de infância e o início de trajetórias desviantes. **Revista de educação, PUC-Campinas**, v. 24, n. 1, p. 89-107, 2019.

SILVEIRA, L.C; GOMES, A.M.T; LIMA, D.W.C; VIEIRA, A.N. **Análise do discurso e a pesquisa na saúde**. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, v. 3, 2015.

SOUZA, C.M; VIZZOTTO, M.M; GOMES, M.B. Relação entre violência familiar e transtorno de estresse pós-traumático. **Psicologia, saúde e doenças**, v. 19, n. 2, p. 222-233, 2018.

VIEIRA, M.S. A vitimização sexual de crianças e adolescentes: as múltiplas faces de uma violência perversa. **Missões: Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 4, n. 1, p. 29-52, 2018.

VIEIRA, M.S. Violência sexual contra meninas: do silêncio ao enfrentamento. **Revista Libertas**, v. 18, n. 2, p. 101-116, 2018.